

A PRODUÇÃO DA VACINA DA COVID-19: UM OLHAR PARA O DISCURSO DE ANSIEDADE VEICULADO PELAS NOTÍCIAS DE JORNAL

Alberto Lopo Montalvão Neto¹⁰⁵ – Universidade Estadual de Campinas

Flávia Novaes Moraes¹⁰⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Wanderson Rodrigues Morais¹⁰⁷ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O objetivo desse artigo é refletir sobre as notícias que circularam a respeito da produção da vacina para o enfrentamento da Covid-19, dado o contexto pandêmico atual, de modo a compreender os discursos e as redes de sentidos às quais essas materialidades se filiam. Partimos da consideração de que, na atualidade, uma das questões (socio)científicas em alta é aquela que diz respeito à pandemia ocasionada pela Sars-CoV-2, gerando um fluxo contínuo de notícias veiculadas na mídia sobre seus diferentes aspectos e influenciando na formação de identidades e nos processos de subjetivação dos sujeitos. Nos apoiamos em aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso de vertente franco-brasileira, mais precisamente em Michel Pêcheux e seus colaboradores e em Eni Orlandi. Também refletimos sobre o agenciamento do “medo do medo” enunciada por Courtine (2016), a qual compreendemos enquanto um discurso de ansiedade presente em discursos jornalísticos. Por meio da análise de três recortes de notícias da Folha de São Paulo, observamos que os mecanismos de linguagem utilizados pelo jornal geram efeitos discursivos que se relacionam aos discursos de ansiedade, de modo que as reportagens jornalísticas são escritas para descrever um cenário que dá ênfase às expectativas de uma possível cura, remetendo-se ainda a um discurso bélico de “combate” ao vírus, em que esses aspectos por vezes imperam mais do que a própria busca por informar à população sobre as questões (socio)científicas que se relacionam à pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Discurso de ansiedade. Mídia. Jornalismo. Pandemia da Covid-19.

Abstract:

The objective of this article is to reflect on the news that circulated about the production of the vaccine to fight COVID-19, given the current pandemic context, in order to understand the discourses and meaning networks to which these materialities are affiliated. We start from the consideration that, currently, one of the (socio)scientific issues on the rise is that which concerns the pandemic caused by Sars-CoV-2, generating a continuous flow of news published in the media about the different aspects and influencing training of identities and in the subjectivation processes of the subjects. We rely on theoretical-methodological contributions from french-brazilian Discourse Analysis, more precisely on Michel Pêcheux and his collaborators and on Eni Orlandi. We also reflect on the arrangement of the “fear of fear” enunciated by Courtine (2016), which we understand as a discourse of anxiety present in journalistic discourses. Through the analysis of three new clippings from Folha de São Paulo, we observed that the language mechanisms used by the newspaper generate discursive effects that are related to anxiety speeches, so that journalistic reports are written for a scenary that calls for expectations of a possible cure, also referring to a warlike discourse of “fighting” the virus, in which these aspects sometimes prevail more than the own search to inform the population about the (socio)scientific issues related to the pandemic of COVID-19.

¹⁰⁵Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: montalvaalberto@gmail.com.

¹⁰⁶Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: flaviamoraes@yahoo.com.

¹⁰⁷Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: w.rmorais13@gmail.com.

Keywords: Anxiety Discourse. Media. Journalism. COVID-19 Pandemic.

Introdução

Diferentes discursos circulam pelos meios midiáticos. Entre eles estão as reportagens jornalísticas, responsáveis por veicular informações e, a partir das quais, segundo Gregolin (2007), os sujeitos produzem diferentes (efeitos de) sentidos. Ademais, Gregolin (2007) aponta que essas informações também influenciam, de certo modo, na formação de identidades, regulando saberes e formas de subjetivação dos sujeitos.

Vale destacar que o jornal é o meio mais antigo de veiculação de informações, de forma sistematizada, estando presente “[...] na própria construção da sociedade ocidental atual, desde o projeto de Modernidade”, veiculando informações de diferentes tipos sobre a vida cotidiana “[...] e incluindo a população em uma dinâmica cultural e de pertencimento” (BRUGGEMANN *et al.*, 2011, p. 68). Nesse sentido, consideramos que este tipo de materialidade pode nos fornecer uma série de indícios, a respeito de questões sócio-históricas, por meio das representações sociais e científicas por ele expostas.

Entre as questões sociocientíficas que estão em alta na atualidade podemos destacar aquilo que concerne à pandemia da Covid-19. Recentemente, muitas foram as notícias veiculadas pelas mídias sobre diferentes aspectos da pandemia e entre essas mídias destaca-se a jornalística. Sendo a Sars-CoV-2 uma doença causada por um novo tipo de coronavírus que atingiu mais de 185 países (SOUTO, 2020), a pandemia em questão não se trata apenas de uma crise sanitária, como também de uma crise socioeconômica e político-ideológica. Isso porque, nesse cenário, se acentuaram as discrepâncias existentes entre as diferentes camadas sociais, além de se tornarem ainda mais evidentes as disputas entre os diferentes sujeitos que presidem/integram as instituições, principalmente as governamentais.

Com base nos aspectos mencionados, no presente trabalho temos como objetivo refletir sobre as notícias que circularam a respeito da produção da vacina para o enfrentamento da Covid-19, de modo a compreender os discursos e as redes de sentidos às quais essas materialidades se filiam. Partimos do pressuposto de que os jornais, ao representarem questões que incidem sobre a/na vida cotidiana dos sujeitos, tal como as várias implicações pandêmicas, apontam para um acontecimento discursivo que (ir)rompe com o historicamente constituído e que leva à reformulação de práticas discursivas.

Nesse contexto, nos interessam as notícias veiculadas a respeito do processo de desenvolvimento de uma vacina para o “combate” ao novo coronavírus, visto que essas matérias

jornalísticas estampam um discurso com potencial para a elaboração de gestos de leitura característicos. Esse olhar torna-se ainda mais importante mediante a expansão e mediação das informações pela web 2.0, sendo este um meio de (re)produção de pensamentos, argumentações e identidades (ROCHA; MONTALVÃO NETO, 2020).

Aspectos teórico-metodológicos e delimitação do corpus de análise

As análises aqui apresentadas voltam-se às matérias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, a respeito da vacina produzida mediante a necessidade de enfrentamento da pandemia da Covid-19. Estabeleceu-se o recorte de pesquisa por meio de uma busca por notícias veiculadas pelo jornal em questão a partir de fevereiro de 2020, visto que foi nesse período que se iniciou a circulação de reportagens sobre a dispersão do novo coronavírus.

Após pesquisas na web, a escolha pela Folha de São Paulo se deu por identificarmos que este é o jornal de maior abrangência na atualidade, estando à frente de outros jornais em termos de assinaturas e, conseqüentemente, de circulação¹⁰⁸. Ademais, alguns dados apontam para um crescimento considerável da circulação da versão digital do jornal durante a pandemia¹⁰⁹. Assim, partindo do princípio de que este é um importante veículo de informação, formador de opiniões, dado o seu alcance de circulação nacional, julgamos interessante um olhar para os discursos por ele veiculados. Nesse sentido, selecionamos fragmentos de três notícias da Folha sobre a vacina, a fim de compreender a forma como esses conteúdos são apresentados e as possíveis relações de sentido estabelecidas por meio de suas representações sobre o tema.

Realizamos as análises com base em aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso de vertente franco-brasileira, que teve em Michel Pêcheux um de seus principais precursores na França, e em Eni Orlandi uma de suas principais expoentes no Brasil.

Notadamente, nos voltamos a refletir sobre uma tipologia discursiva, enunciada por Courtine (2016) como o “medo do medo”, que, a nosso ver, aponta para o que podemos chamar de discurso de ansiedade, tema sobre o qual já realizamos algumas reflexões a respeito (MACHADO; MONTALVÃO NETO; MORAES, 2020).

¹⁰⁸Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), em pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2019, o referido jornal teve o maior número de assinaturas digitais, sendo este um fator preponderante para o seu crescimento no atual contexto digital. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/versao-digital-de-jornais-cresce-e-impresso-segue-em-queda/>. Acesso em: 03 jan. 2020.

¹⁰⁹Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolidou-crescimento-digital.shtml#:~:text=A%20Folha%20C3%A9%20o%20jornal%20de%20maior%20circula%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolidou-crescimento-digital.shtml#:~:text=A%20Folha%20C3%A9%20o%20jornal%20de%20maior%20circula%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil.). Acesso em: 03 jan. 2021.

Referindo-se ao discurso do medo como o reflexo de uma série de questões históricas, que remontam à distintas formas de violência sobre as quais se construiu e assentou-se a sociedade contemporânea, Corbin, Courtine e Vigarello (2020) ressaltam que diversas crises, econômicas, colonizadoras e ocasionadas pelas grandes guerras, configuram-se como acontecimentos históricos que levaram à insurgência do medo de um medo. Ou seja, sem uma materialidade específica ou um objeto que lhe é de direito, o medo poderá não ter outra forma de se materializar que não a linguagem. Daí que a linguagem também se coloca como um meio privilegiado para a materialização de (um discurso de) ansiedade, manifestado de forma individual e/ou coletiva. Assim, Courtine (2016) nos diz que, apresentando-se de forma instável, difusa e incerta, a ansiedade dissemina-se e torna-se presente até mesmo diante da ausência, ou seja, mesmo quando não se pode identificar qualquer perigo concreto que seja eminente e imediato. Desse modo, para Courtine (2016), Corbin, Courtine e Vigarello (2020), vivemos, portanto, numa era da ansiedade.

Além das questões supramencionadas, mobilizamos algumas outras noções da AD para auxiliar na compreensão dos mecanismos discursivos que perpassam o âmagô jornalístico. Destarte, tomando aqui o discurso como efeito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 2003), sucintamente, explicamos algumas dessas noções.

A respeito do mecanismo de antecipação, Orlandi (2003) aponta que este relaciona-se à imagem que um sujeito, ao enunciar, faz de seu interlocutor, o que o leva a colocar-se em seu lugar e, conseqüentemente, a dizer de uma determinada forma, de acordo com aquilo que esse sujeito pensa produzir no outro. Em outras palavras, há uma busca pela estabilização/controlado dos efeitos de sentido que o seu interlocutor possa vir a produzir, ainda que isso não seja possível. Isso relaciona-se às relações de força, visto que, no discurso, compreende-se que os sujeitos ocupam posições ideologicamente demarcadas, que regulam os possíveis (efeitos de) sentidos produzidos, a partir da posição assumida. De igual modo, os dizeres são historicamente constituídos, de tal forma que um discurso aponta para outros, passados e/ou futuros, e de maneira que se reconhece que um texto (ou enunciado) se relaciona a outros, o que podemos chamar de relações de sentido (ORLANDI, 2003).

Ademais, interessa-nos não apenas o dito, como também o “não-dito”, os silêncios. Não sendo diretamente observável, é possível pensar sobre o silêncio a partir de seus efeitos e processos de significação, sendo a sua compreensão possibilitada pela história (ORLANDI, 2007). De acordo com Orlandi (2012), isso pode ser feito a partir da compreensão da (in)completude do sentido, abrindo possibilidades de reformulação do discurso em seus

aspectos de ambiguidade, ausências e pelo rompimento com a linearidade do discurso, em meio ao acontecimento discursivo (HAROCHE, 1992), possibilitando outros sentidos por entre o real da língua e o real da história. Trata-se, portanto, de se trabalhar a partir da relação entre diferentes textos para observar e compreender um enunciado, em sua materialidade histórica e assim compreender o acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 1990). Nessa relação, forma e conteúdo são indissociáveis.

Trabalhando num batimento entre descrição e interpretação, para as análises construímos um mecanismo de leitura, a partir de um dispositivo teórico e analítico (ORLANDI, 2003), que corresponde à mobilização de noções e princípios da AD e de conceitos relacionados ao campo teórico-disciplinar dos pesquisadores envolvidos no processo¹¹⁰.

Medo, ansiedade e as inflexões de autoridade dos discursos sobre a vacina da Covid-19

Publicada em 20 de julho de 2020, a primeira notícia analisada intitula-se “*Vacina chinesa contra Covid-19 chega ao Brasil e testes começam na terça-feira*”¹¹¹, e se reporta à chegada ao Brasil da vacina para o enfrentamento da pandemia da Covid-19. Escrita por Mônica Bergamo, jornalista da Folha, a reportagem narra a chegada do imunizante produzido numa parceria entre Brasil e China, a qual, no presente momento em que está sendo finalizada a escrita deste texto (janeiro de 2021), configura-se como a principal aposta brasileira para lidar com a pandemia. Trata-se da vacina produzida em parceria, de modo colaborativo, pelo laboratório Sinovac Biotech e o Instituto Butantan. O fragmento da reportagem exposto a seguir ilustra a questão:

A vacina chinesa contra o coronavírus produzida pelo laboratório Sinovac Biotech que será testada no Brasil em Parceria com o Instituto Butantan desembarcou na madrugada desta segunda (20) no Brasil. Elas chegaram em um voo da Lufthansa que saiu no domingo (19) de Frankfurt e chegou às 4h12 no aeroporto de Guarulhos, em SP. [...] Os cientistas do Instituto Butantan estão otimistas. A vacina chinesa é uma das que está em fase mais adiantada de testes (grifos nossos).

Nota-se que, nesse enunciado, há o uso de diferentes recursos para demonstrar a preocupação com a vacina. Primeiramente, cabe destacar a relação de oposição colocada entre a vacina e o coronavírus, que abre margens para uma forma de situá-la num dado lugar discursivo: no trecho, observa-se a personificação da vacina, atribuindo a um objeto inanimado

¹¹⁰Compreendemos que o lugar a partir do qual se fala e as histórias de vida e de leitura influenciam nos gestos de interpretação. Assim, no presente trabalho levamos em conta que a formação inicial de seus autores, que se remete ao campo das Ciências Biológicas, bem como o fato desses sujeitos vincularem-se à programas de pós-graduação, em pesquisas de doutorado relativas ao ensino de Ciências, que envolvem aspectos da linguagem, influenciam nessas formas de compreender/analisar a questão de estudo de interesse.

¹¹¹Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/vacina-chinesa-chega-ao-brasil-e-testes-comecam-na-terca.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2020.

uma identidade própria. Assim, logo na manchete da notícia observa-se que a jornalista atribui à vacina uma nacionalidade, como se esta fosse uma pessoa. Além disso, a palavra “contra” marca uma série de outros aspectos, comumente veiculados desde o início da pandemia, e que se apresentam atravessados por um discurso bélico, ou seja, marcado pelo anseio de combate ao novo coronavírus, colocando-o numa posição discursiva que abre margens para um caráter de temor, demarcada pela necessidade de “derrotá-lo”. Nessa relação, compreende-se que, ao conferir “vida” à vacina, apagam-se outras questões que podem estar relacionadas à emergência de uma pandemia, tais como as relações capitalistas e a ação humana no meio ambiente. Há, portanto, um silêncio, próprio à constituição da linguagem (ORLANDI, 2007), mas que, a nosso ver, interdita outros sentidos que poderiam ser interessantes para uma possível apropriação de questões sociocientíficas pela população.

Nota-se que, se por um lado há uma riqueza de detalhes sobre a chegada da vacina, com descrições pormenorizadas sobre o seu desembarque em terras brasileiras, por outro, os gestos de silêncio se demarcam a partir de processos que estabilizam sentidos e que apagam as condições de produção da vacina, em seu sentido estrito/imediato (ORLANDI, 2003), e que se referem à Ciência e ao cientista. Isso porque essas descrições se pautam no acontecimento discursivo relativo à elaboração de uma vacina para o enfrentamento histórico de uma pandemia, porém, não se remetem ao processo que levou a essa produção, o que nos leva a crer que, nessa relação, são ressaltados aspectos de neutralidade/objetividade científica.

Há, então, relações de força e de sentido que conferem importância à vacina, sendo esta validada por instituições, pública e privada (Instituto Butantan e laboratório Sinovac Biotech), e pela posição-cientista. No entanto, não é enunciado quem são esses cientistas, e o que se percebe, por meio dessa descrição pormenorizada, relativa ao traslado continental da vacina, é a produção de efeitos de verdade e de ansiedade, marcados por uma era em que esses efeitos discursivos já eram comuns, mediante os conflitos históricos que serviram de molde para a construção da sociedade tal como a conhecemos (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020), e que se acentuaram em meio ao acontecimento pandêmico. A chegada da vacina, portanto, está num entremeio que conflui com: a) uma busca otimista pela cura; b) o caráter de autoridade que lhe é conferido por meio do discurso científico; c) o discurso de medo/ansiedade, que atravessa o acontecimento discursivo em questão.

No mesmo dia da publicação da matéria de Mônica Bergamo na web-página da Folha, a jornalista faz uma postagem em seu Twitter. Em um banner, com a chamada “*Covid-19: a chegada da vacina, com Dimas Covas, presidente do Instituto Butantan*”, faz-se alusão

propagandística a um programa de TV, promovido pelo canal Band News, chamado “Ponto a Ponto”. Na descrição do twitter, Mônica coloca a seguinte chamada: *“Eu acredito piamente que uma vacina contra o coronavirus virá, diz Dimas Covas, do Instituto Butantan, à frente das pesquisas com a China”*¹¹². Assim, analogamente ao que foi anteriormente descrito, nota-se que há toda a construção de um cenário que serve como pano de fundo para gerar expectativas sobre o acontecimento em questão, e para tal utiliza-se uma notória figura que representa a Ciência e a voz do cientista, caracterizada pela posição ocupada por Dimas Covas, presidente do instituto brasileiro que está envolvido na produção da vacina. Porém, se por um lado há a exaltação de um sujeito, a partir de seu lugar de autoridade, por outro, são silenciados tantos outros sujeitos envolvidos na questão, bem como o próprio processo de produção da vacina.

Em outra notícia, publicada em um período próximo à notícia anterior, mais precisamente em 25 de junho de 2020, momento este em que se intensificavam às reportagens midiáticas a respeito da vacina para o novo coronavírus, a matéria veiculada se pauta em um pedido de calma à população, por parte de uma especialista, Soraya Smaili, reitora da Unifesp, uma das principais universidades federais localizadas em território paulista. A manchete traz o enunciado *“É preciso calma, diz reitora da Unifesp sobre estudos da vacina de Oxford”*¹¹³ e, assim como observado em outras notícias, a matéria relata diferentes estudos sobre o desenvolvimento da vacina. O trecho a seguir destaca a abordagem utilizada para tal:

Em meio à pandemia, a possibilidade de se ter uma vacina eficaz contra o vírus que já matou mais de 480 mil pessoas no mundo gera uma expectativa alta. Porém, o momento requer calma, diz Soraya Smaili. Reitora da Unifesp, universidade que comanda os estudos clínicos da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford, ela diz sentir que “a população deseja uma solução para suas vidas”, mas que a pesquisa científica não pode ser apressada e os estudos podem durar até um ano. “Os estudiosos dizem que, se juntarem números positivos suficientes, pode ser que o resultado saia antes, mas isso é algo que será determinado por Oxford e a exigência dos protocolos para o desenvolvimento de uma vacina é alto”, explica Smaili. “É preciso que tenhamos o pé no chão para não criar falsas expectativas, pois não adianta correr e o resultado ser inconclusivo.” Entre os estudos de mais de 140 vacinas para o coronavírus, a de Oxford está em um dos estágios mais avançados e se saiu bem em fases anteriores. Por isso, há expectativa de que seu resultado seja de sucesso.

Apesar de nomear uma reitora e uma universidade como sujeito/instituição autorizado(a) a dizer, novamente vemos alguns mecanismos que silenciam sujeitos e sentidos. Passagens como *“a população deseja uma solução para suas vidas”* e *“os estudiosos dizem que”*, ou mesmo a

¹¹²Disponível em: <https://twitter.com/monicabergamo/status/1288659421451759616>. Acesso em: 04 jan. 2020.

¹¹³Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/e-preciso-calma-diz-reitora-da-unifesp-sobre-estudos-da-vacina-de-oxford.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2021.

menção às instituições de pesquisa, como a Unifesp e a Universidade de Oxford, não evidenciam os sujeitos os quais a matéria jornalística se refere. Há um apagamento que visa homogeneizar cientistas e toda uma população, esquecendo-se, inclusive, que grande parte da população está alheia a diversas informações relativas à pandemia da Covid-19, ao passo que, ao mesmo tempo, recebem um bombardeio de notícias que pouco lhes trazem esclarecimentos, por filiarem-se ora a descrições generalistas, ora a termos/conceitos científicos dos quais a população não partilha de sua rede de sentidos, ou melhor, de sua formação discursiva (MORAES; MONTALVÃO NETO; MORAIS, 2020). No entanto, além de não estar em contato de igual modo com as notícias sobre a pandemia, essa mesma população também não sofre de forma igualitária as suas consequências, visto que, dadas as desigualdades socioeconômicas existentes no Brasil, a pandemia não é vivenciada da mesma forma por todos. Em outras palavras, muitas pessoas não vivem sob condições adequadas, que lhes possibilite o isolamento e/ou distanciamento social¹¹⁴ para evitar a disseminação do vírus.

Em muitas reportagens, tal como a apontada, não se explica como é produzida a vacina, porém, ressalta-se seus vieses de complexidade, silenciando as motivações para tal ponderação e colocando a “*expectativa de que seu resultado seja de sucesso*”. Especificamente sobre essa reportagem, encontramos em alguns trechos uma tentativa de explicar alguns dos efeitos imunológicos da vacina. O trecho a seguir ilustra a questão.

A velocidade do processo em diferentes países supera tudo o que já foi visto até hoje na área de desenvolvimento de vacinas, normalmente um processo demorado e trabalhoso que envolve várias rodadas de testes em animais e avaliações de toxicidade antes das três fases obrigatórias de testes clínicos com pessoas. Diante da emergência mundial representada pelo vírus Sars-CoV-2, esses controles mais estritos foram relaxados. Nada disso, porém, é garantia de sucesso, já que calibrar os efeitos de uma vacina sobre o sistema imunológico (de defesa do organismo), para que o fármaco seja capaz de proteger o corpo de forma robusta contra um invasor sem grandes efeitos colaterais, é um processo que sempre envolve muita tentativa e erro. Também vai ser necessário otimizar os processos industriais indispensáveis à produção e à distribuição de uma vacina em larga escala. Tais processos variam muito de acordo com o tipo de vacina e vão afetar a maneira como as doses chegarão às pessoas que necessitam delas mundo afora.

O trecho acima aponta para o fato de que são vários fatores envolvidos no processo de produção da vacina, sendo que esses fatores não são apenas científicos, mas que se remetem também a questões como, por exemplo, a produção industrial e a distribuição da vacina, em

¹¹⁴Desigualdades nas condições de moradia e saneamento básico são apontados como alguns dos fatores que acentuam este cenário, o que se torna ainda mais desigual a depender de questões como classe, raça, gênero e condições de saúde dos diferentes grupos sociais. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 04 jan. 2021.

larga escala. Outro fator interessante a ser apontado é a relativização da verdade científica, a partir do momento em que se assume que esta é realizada por meio de “tentativas e erros”. Nesse recorte também se demarca o discurso da ansiedade que pode ser observado quando se retrata a insuficiência de testes com as vacinas, que estão sendo realizados com processos de “controle relaxado”, promovendo, deste modo, a insurgência do medo e estimulando posições negacionistas em relação ao processo de vacinação.

Com a manchete “*Mesmo com vacina, pandemia de coronavírus deve seguir por boa parte de 2021*”¹¹⁵, a notícia traz, entre outros aspectos, as incertezas referentes ao início da vacinação no Brasil. Sendo aplicadas vacinas para a Covid-19 em alguns países desde o final de dezembro de 2020, no Brasil esse impasse permanece vívido em meados de janeiro de 2021, sem prazo para terminar. Assim, numa relação de sentidos que estabelece diálogo com notícias de processos de imunização realizados por outras nações, e por meio de mecanismos que fazem com que o jornal se antecipe ao leitor, colocando em destaque aquilo que o autor acredita ser o posicionamento da população a respeito das políticas governamentais para a questão, cria-se um discurso que reproduz/dissemina a ansiedade. Tal cenário se reafirma pela instabilidade de sentidos, instaurada pelo sobressalto de apontamentos que mesclam ao mesmo tempo a necessidade de ações urgentes e de cautela, trazendo à tona o medo e a insegurança e configurando o acontecimento discursivo em questão: a pandemia da Covid-19.

Considerações finais

A partir das reflexões suscitadas apontamos que os mecanismos de linguagem utilizados pelo jornal para abordar questões relativas às vacinas na pandemia da Covid-19 geram efeitos discursivos que se relacionam aos discursos de ansiedade. Ademais, destacamos que as reportagens jornalísticas são escritas de forma a descrever um cenário que dá ênfase às expectativas de uma possível cura, remetendo-se ainda a um discurso bélico de “combate” ao vírus. Também observamos um discurso pautado em uma necessidade de urgência de ações para o desenvolvimento de vacinas em oposição à insuficiência de testes que estão sendo realizados, o que gera ansiedade, medo e dúvida.

Nesse sentido, compreendemos que esses aspectos por vezes imperam mais do que a própria busca por informar à população sobre as questões (sócio)científicas que se relacionam à pandemia da Covid-19. Assim, a partir de algumas reflexões, reconhecemos a necessidade de

¹¹⁵Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/mesmo-com-vacina-pandemia-de-coronavirus-deve-seguir-por-boa-parte-de-2021.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2020.

se (re)pensar sobre a divulgação e popularização da ciência, inclusive nos meios midiáticos, de tal modo que, mais do que criar-se expectativas a partir de notícias que disseminam medo, ansiedade e/ou aspectos de neutralidade/autoridade da Ciência, seja possível compreender o (processo de produção do) conhecimento científico, de modo a possibilitar a tomada de decisões pela população.

Referências

- BRUGGEMANN, A. L. *et al.* Folha de São Paulo: Um jornal a serviço (da Copa) do Brasil. In: PIRES, G de L. (Org.). *O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011, pp. 67-115.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. v. 1, Editora Vozes: Petrópolis, 2020.
- COURTINE, J. J. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURSINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EduFSCar, 2016. pp. 15-29.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo, 1992.
- MACHADO, R.; MONTALVÃO NETO, A. L.; MORAES, F. N. Controvérsias sobre as tecnologias do DNA no Youtube: que discursos pautam os canais de divulgação científica?. *Revista do Edicc*, v. 6, p. 136-146, 2020.
- MORAES, F. N.; MONTALVÃO NETO, A. L.; MORAIS, W. R. A Biotecnologia no ensino: o não-lugar, silenciamentos e a escassez de materialidade histórica. In: BONFIM, D. A. *et al.* (Orgs.). *Diálogos Plurais em Educação*. 1 ed. Cruz Alta: Ed. Ilustração, v. 1, pp. 35-52, 2020.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. bras. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- ROCHA, G. G. S.; MONTALVÃO NETO, A. L. Argumentação nas redes sociais: reflexões a partir de uma thread viral do twitter. In: Encontro Virtual de Documentação em Software

Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 14., 2020, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, p. 1-8, 2020.

SOUTO, X. M. COVID-19: aspectos gerais e implicações globais. *Recital: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara*, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 12-36, jun. 2020.